

# Guerra permanente no fim da natureza barata: crise no sistema capitalista mundial desde o início da modernidade até o presente\*

John Peter Antonacci \*\*

**Resumo:** Na conjuntura contemporânea, três crises interligadas ameaçam o sistema mundial capitalista: crises econômicas, guerra e alterações ambientais globais. Analisando as abordagens dos sistemas mundiais ao estudo da guerra, este artigo defende que, uma vez que o início da modernidade também foi um período caracterizado por estas crises, é útil explorar as tendências de crise do início da modernidade. Ele reflete sobre o fim da natureza barata e argumenta que, no momento atual, a ameaça das crises de subprodução e superprodução converge para o capital. Assim, questiona a capacidade contínua do capital de mobilizar a guerra para transformar ambientes em direção ao fim da acumulação infinita.

**Palavras-chave:** Análise de Sistemas Mundiais. Ecologia Mundial. Crises de Produção. Guerra. Mudança Ambiental Global.

**Abstract:** At the contemporary conjuncture, three interlinked crises threaten the capitalist world system: economic crises, war, and global environmental change. Reviewing world-systems approaches to the study of war, this article argues that, since the early modern period was also a period characterized by these crises, it is useful to explore early-modernity's crisis tendencies. It reflects on the end of cheap nature, and argues that, in the present moment, the threat of both crises of underproduction and of overproduction converge for capital. It thus calls into question capital's continued ability to mobilize war to transform environments towards the end of endless accumulation.

**Keywords:** World-Systems Analysis. World-Ecology. Crises of Production. War. Global Environmental Change.

**Resumen:** En la coyuntura contemporánea, tres crisis interrelacionadas amenazan el sistema mundial capitalista: las crisis económicas, la guerra y el cambio ambiental global. Revisando los enfoques de los sistemas-mundo para el estudio de la guerra, este artículo sostiene que, dado que la época moderna temprana también estuvo marcada por estas crisis, resulta útil explorar las tendencias críticas de la modernidad temprana. Reflexiona sobre el fin de la naturaleza barata y argumenta que, en el momento actual, convergen para el capital tanto las amenazas de crisis de subproducción como de sobreproducción. De este modo, pone en duda la capacidad continuada del capital.

**Palabras-llave:** Palabras-llave: Análisis de Sistemas-Mundo. Ecología-Mundo. Crisis de Producción. Guerra. Cambio Ambiental Global.

\* Traduzido por Carlos Eduardo Martins

\*\* John Peter Antonacci é doutor pelo Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Nova York em Binghamton (SUNY Binghamton), onde estuda e leciona ecologia-mundo, sociologia militar e história ambiental.

E-mail: Jantona2@binghamton.edu

## Introdução

Três características marcantes do século XXI chamam a nossa atenção. Em primeiro lugar, nos vemos a contemplar as formas e até que ponto o capitalismo, como modo de produção, pode continuar a reproduzir-se (SILVER; PAYNE, 2020). Em segundo lugar, as alterações ambientais globais ameaçam remodelar radicalmente a vida na Terra, pelo que debatemos as origens, as causas e o desenvolvimento dessas alterações (LEWIS; MASLIN, 2015). Em terceiro lugar, as guerras que estão a ser travadas atualmente (Ucrânia, Israel/Palestina) e que se avizinham no horizonte (no Sahel, no Mar da China Meridional) lançam sombras negras, obscurecendo as ilusões que alimentávamos de um futuro pacífico (FUKUYAMA, 1992).

O alcance, a velocidade e a intensidade destes desenvolvimentos exigem análise. Dois aspectos interligados desta problemática lembram-nos que há muito trabalho a ser feito, mas, ao mesmo tempo, há esperança.

Em primeiro lugar, os estudos académicos têm prosseguido normalmente face à crise da conjuntura contemporânea. Os economistas políticos estudam o capitalismo, os historiadores ambientais estudam o clima e os estudiosos de estudos militares estudam a guerra. As disciplinas académicas trabalham para disciplinar os académicos e o conhecimento que produzem, impedindo o diálogo entre o que C.P. Snow (1998 [1959]) chamou de «Duas Culturas».<sup>1</sup> Considere esta formulação — em *The Shock of the Anthropocene*, Bonneuil e Fressoz (2016) apresentam uma série de conceitos que, segundo eles, podem ser usados para pensar sobre as mudanças ambientais contemporâneas. Ao escrever sobre a guerra, eles afirmam que “os últimos três séculos foram caracterizados por uma acumulação extraordinária de capital: apesar das guerras destrutivas, este cresceu 134 vezes entre 1700 e 2008” (BONNEIUL; FRESSOZ, 2016, p. 222). Não seria mais plausível o inverso, que a acumulação de capital tenha começado de forma tão espetacular *por causa da* guerra? Alguns estudiosos trabalham contra essa tendência predominante, gerando insights convincentes sempre que o capitalismo, o ambiente ou a guerra são conceitualmente ligados. Mas, até agora, nenhum estudo tentou elaborar uma narrativa que ligasse esses três momentos de forma dialética e os colocasse em discussão sobre a crise do sistema mundial na conjuntura contemporânea.

À luz destes desenvolvimentos contemporâneos, e tendo em mente os seus antecedentes, é realmente pertinente regressar e refletir sobre as ideias essenciais apresentadas no Volume I de *The Modern World System*, de Immanuel Wallerstein,

<sup>1</sup> Ver também, sobre as duas culturas, Lee e Wallerstein (2004).

que celebra agora o seu 50.º aniversário de publicação. O eixo central da sua obra centrou-se na mobilização e análise da vasta historiografia do mundo moderno, aplicando-a a uma questão simples: *qui bono?* Em *Capitalist Civilization*, ao refletir sobre os benefícios e males relativos conferidos pelo capital, ele escreve: “É claro que o tamanho da camada privilegiada como porcentagem do todo cresceu significativamente sob o capitalismo histórico. E para essas pessoas, o mundo que conhecem é, em geral, melhor do que qualquer um de seus antecessores conheceu” (WALLERSTEIN, 2011a [1983], p. 136). Mas, por outro lado, “para o outro extremo do espectro, os 50 a 80 por cento da população mundial que não são beneficiários de privilégios, o mundo que conhecem é quase certamente pior do que qualquer um dos seus antecessores conheceu” (WALLERSTEIN, 2011a [1983], p. 136). Dada a polarização do capitalismo histórico em torno da desigualdade, ele pergunta, como faz em toda a sua obra: “Como então ele sobreviveu por tanto tempo? [...] Se acredita, como eu, que todos os sistemas históricos, sem exceção, têm vidas limitadas e devem eventualmente dar lugar a outros sistemas sucessores, deve assumir que o nosso sistema mundial não pode ser estável para sempre» (WALLERSTEIN, 2011a [1983], p. 137). Como, então, prosseguir, para descobrir os mecanismos através dos quais podemos apreciar as condições em que o capitalismo histórico pode deixar de sobreviver? Voltando à historiografia, «para nos permitir ver melhor o que aconteceu e o que está a acontecer. Para isso, precisamos de óculos com os quais discernir as dimensões da diferença, precisamos de modelos com os quais ponderar o significado, precisamos de conceitos resumidos com os quais criar o conhecimento que depois procuramos comunicar uns aos outros» (WALLERSTEIN, 2000 [1974], p. 102).

Como tal, a perspectiva da ecologia mundial emerge e permite sínteses que consideram o poder, o lucro e o planeta como mutuamente constitutivos. Argumenta que o capitalismo é uma forma de organizar a natureza, que reúne poder, lucro e vida ao serviço da acumulação infinita (MOORE, 2015). O trabalho a ser feito centra-se no desenvolvimento de um aparato conceitual capaz de localizar a militarização como uma relação-chave de poder interna à ecologia mundial capitalista e narrar a história como tal.

Em segundo lugar, por mais nova que possa parecer, a convergência das forças do capital, do ambiente e da guerra não é inédita na história mundial. Longe disso. O mundo moderno foi forjado precisamente num período assim, o início da era moderna (1491-1815), um período marcado por crises.<sup>2</sup> Em movimento desde o longo

2 A utilidade do termo «início da era moderna» é por vezes alvo de críticas. Mas utilizo-o por várias razões, bem resumidas por Sangha e Willis (2016). Para os pesquisadores que defendem a existência desse período, «estamos a falar de alguns séculos em que aconteceram muitas coisas, e precisamos de lhes dar um nome [...] o período moderno inicial representa um período em que muitas certezas medievais ruí-

século XVI (1492-1648), o capitalismo começou a desenvolver-se como modo de produção e, posteriormente, expandiu-se no espaço ao longo do tempo até cobrir o globo (WALLERSTEIN, 2011b [1983]). A busca incessante pelo lucro daria início a novos padrões de produção, reprodução, consumo e comércio, reorganizando a vida onde quer que fosse, a fim de contrariar a tendência de queda da taxa de lucro (SHAIKH, 1992). Ao mesmo tempo, os ambientes globais estavam a mudar. A pequena idade do gelo (1350-1850) foi sentida em todo o mundo, causando ora secas, ora inundações, ora fomes (FAGAN, 2000). Ao longo do início do período moderno, os Estados, as sociedades e as pessoas modificaram os seus modos de vida face às mudanças ambientais e, ao fazê-lo, modificaram simultaneamente os seus ambientes. Finalmente, o início do período moderno testemunhou uma «Revolução Militar» (1550-1650), em que mudanças qualitativas e quantitativas nas práticas europeias de guerra globalizaram os conflitos, tornando a guerra mais mortal, mais onipresente e mais cara (PARKER, 1976).<sup>3</sup>

E.H. Carr (1961) insistiu que os historiadores devem sempre abordar o passado a partir do ponto de vista da sua conjuntura contemporânea. «Novas visões, novos ângulos de visão», lembra-nos ele, «aparecem constantemente à medida que o cortejo — e o historiador com ele — avança. O historiador faz parte da história. O ponto do cortejo em que ele se encontra determina o seu ângulo de visão sobre o passado (CARR, 1961, p. 43).» Este artigo pretende mobilizar essa percepção, falando sobre os desenvolvimentos atuais, mas a partir de um ângulo de visão que depende da interpretação do passado. Uma tradição amplamente concebida de análise dos sistemas mundiais — com os seus antecedentes conceituais e herdeiros — mobiliza conceitos-chave que tornam possível esta interpretação da crise contemporânea.

O artigo começa por afirmar o papel fundamental que a guerra desempenhou na construção do mundo moderno em geral e da ecologia mundial capitalista em particular. Aqui, ao contrário das abordagens que enquadram a guerra como uma tendência patológica, a guerra é vista como parte constituinte da produção e reprodução da vida quotidiana sob o capitalismo histórico. O artigo passa então a explorar as conexões entre as mudanças ambientais e a guerra, na medida em que se relacionam com as tendências de crise do capital. O capital depende da mobilização do poder político para mobilizar o excedente ecológico e contrariar a tendência de queda da taxa

---

ram, novas descobertas foram feitas e estruturas e sistemas se desenvolveram em áreas como a política, a religião, a ciência e a guerra, que depois dominaram durante um período significativo — na verdade, alguns deles persistem até hoje» (SANGHA; WILLIS, 2016, p. 6).

3 Isto representa a periodização de Geoffrey Parker (1976) da chamada Revolução Militar, afastando-se da periodização anterior de Michael Roberts (1995) da Revolução Militar, 1550-1650, e contrastando com a periodização posterior de Jeremy Black (1991) (pós-1648).

de lucro. Seguindo Wallerstein, em *Historical Capitalism* (2011b [1983]), o poder do Estado para fazer a guerra é aqui conceituado como um mecanismo fundamental pelo qual o excedente ecológico é apropriado pelo capital a baixo custo.

Metodológica e organizacionalmente, o artigo visa abordar criticamente e sintetizar fontes secundárias desenvolvidas através da análise dos sistemas mundiais e de críticas anti-imperialistas amplamente concebidas da economia política, a fim de destacar conceitos relevantes para o estudo das relações entre guerra, crise e capitalismo no período (inicial) moderno e, ao mesmo tempo, apontar os limites relativos da sua utilidade individual em relação à reflexão sobre a crise contemporânea. As perspectivas sobre a relação entre guerra, crise e capital são onnipresentes na literatura secundária, e é em parte o objetivo deste artigo torná-las explícitas e colocá-las em diálogo.

Por fim, o artigo reflete sobre o uso da guerra pelo capital para garantir o excedente ecológico na conjuntura contemporânea. Argumenta que o fim da natureza barata — o esgotamento da tendência de longo prazo para a queda do excedente ecológico — prenuncia um novo período de crise para o capitalismo histórico, no qual as crises de subprodução e de superprodução convergem. A capacidade do poder do Estado capitalista de travar guerras para se apropriar de novas reservas de excedente ecológico é questionada, levantando questões sobre o desenvolvimento de uma crise histórica, ou terminal, para o capital.

O fato de podermos aprender com a experiência do início da era moderna sobre a conjuntura contemporânea deve dar-nos esperança. Localizar as origens do mundo moderno através destes três conjuntos interligados de desenvolvimentos — a tendência para a acumulação infinita, a aceleração das alterações ambientais globais e a revolução da guerra — conta uma história em que estas dinâmicas representam conjuntos fundamentais de mecanismos através dos quais o capital se reproduz continuamente no espaço e no tempo. O início da era moderna tem muito a ensinar-nos sobre estas dinâmicas — por que estão ligadas? como se transformam? e quais são os limites da sua reprodução histórica?

## **A guerra e a construção da vida quotidiana no capitalismo histórico**

A história do capitalismo é a história da guerra permanente (ALLIEZ; LAZZARATO, 2016). É também uma história de mudanças ambientais globais (Moore, 2003). O capital depende da guerra para acumular-se infinitamente e, ao mesmo tempo, depende sucessivamente da produção e reprodução de ambientes a serviço dessa acumulação infinita. Compreender esta dupla dependência e do capital — evoluir para

sobreviver através da guerra e da implementação de mudanças ambientais — é tornar visíveis os limites das estratégias (re)produtivas do capital.

A guerra é frequentemente negligenciada pelos cientistas sociais, tratada como uma patologia, uma aberração de um estado “normal” das coisas. Mas, vista de uma perspectiva histórica, a guerra parece ser uma parte constitutiva da “vida cotidiana” da grande maioria das pessoas que vivem no espaço moderno e ao longo do tempo moderno. Ao mesmo tempo, as mudanças ambientais moldaram e remodelaram profundamente os processos de criação da vida, nos quais, como destaca Marx, a relação dos seres humanos que modificam e são modificados pelos seus ambientes é constitutiva da base da história (MARX; ENGELS, 1998 [1932], p. 37). O fato de a história ambiental moderna continuar a desenvolver-se como um campo de estudo demonstra um reconhecimento crescente dessa importância. Se localizarmos as origens do capitalismo no início da era moderna, se reconhecermos a intensificação da violência que o caracteriza e localizarmos uma profunda revolução na criação do ambiente que ocorre no e através do desenvolvimento destas dinâmicas interligadas, chegamos a uma síntese que fala diretamente dos problemas enfrentados periodicamente ao longo da história da modernidade e que, de fato, enfrentamos agora. A acumulação militarizada, um conceito em desenvolvimento através da perspectiva da ecologia mundial, visa destacar o papel central que o uso da violência desempenhou na história do capitalismo como uma ecologia mundial de poder, lucro e vida (ver ANTONACCI, 2021; MOORE, 2023, 2022). A concretização da empiria de como a acumulação militarizada moldou o sistema capitalista mundial aprofunda a insistência da ecologia mundial de que o poder político — especialmente o poder do Estado — desempenha um papel fundamental na formação de ambientes propícios à acumulação infinita. Em outras palavras, as revoluções militares são aqui conceituadas como revoluções na formação do ambiente, elas próprias momentos-chave na produção e reprodução do capital. A forma como entendemos os movimentos interligados, ao mesmo tempo, do capital, da guerra e do ambiente pode informar a nossa compreensão das dinâmicas da flexibilidade contínua do capital face à crise e fala à nossa compreensão dos limites dessa flexibilidade.

A necessidade de tal síntese é reconhecida há muito tempo. Andre Gunder Frank (1998), ao refletir sobre o seu próprio trabalho como crítica à tese da «globalização» em voga na década de 1990, perguntou: «Então, como considerar este todo global de forma holística, seja antes ou depois de 1500?» (FRANK, 1998, p. 340).<sup>4</sup> A sua

4 A tese da globalização em voga na década de 1990, seguindo Wallerstein, propunha ver a “globalização” como uma de uma série de “presumíveis grandes transformações do sistema capitalista a partir de um ponto recente no tempo, em que todo o tempo anterior servia como um contraponto mitigado contra o qual se tratava a realidade empírica do presente” (WALLERSTEIN, 2011b [1983], p. 7).

resposta, que podemos ler como uma afirmação destinada a catalogar as relações que ele considera centrais para o desenvolvimento histórico mundial após 1500, é reveladora. «Sugeri a analogia de um banco de três pernas. Ele repousa igualmente sobre as pernas ecológica/económica/tecnológica, política/militar e social/cultural/ideológica. A mais negligenciada delas, também no meu próprio trabalho, tem sido a componente ecológica» (FRANK, 1998, p. 340).

Jason W. Moore produziu uma obra extensa para preencher essa lacuna: a negligência da ecologia. A sua crítica ao que denomina «dualismo cartesiano» — segundo o qual a natureza e a sociedade são dois objetos distintos que interagem entre si — argumenta contra a visão da ecologia como uma mera «variável» a ser «adicionada» às nossas análises do capitalismo, uma abordagem que ele chama de «aritmética verde» (MOORE, 2015, p. 78-82). Em vez disso, o seu quadro, a ecologia mundial, reconhece que «o capitalismo não *tem* um regime ecológico, é um regime ecológico» (MOORE, 2015, 158). Deste ponto de vista, a totalidade de Moore reconhece que a história do capitalismo é, em si mesma, uma história ambiental — o capital é uma relação que estrutura e reestrutura os ambientes globais com vista ao fim da acumulação infinita. A «ecologia» não aparece, portanto, como um mero pé da cadeira de Frank — se a cadeira é o sistema mundial capitalista, então a cadeira é também, ao mesmo tempo, a ecologia que o capital produz e reproduz continuamente ao longo da sua história.

Mas as lacunas não terminam com a ecologia. Pois também poderíamos argumentar que o poder militar também foi negligenciado — não no sentido de que nunca foi estudado, mas sim pela *forma como* foi estudado. A sociologia como disciplina tem uma tendência para tratar a guerra como «patológica», uma perturbação do chamado status quo (MANN, 1988). A nossa conceção do papel que a guerra quase interminável desempenha na formação da modernidade depende do nosso objeto de análise — o nacionalismo metodológico obriga-nos a ver a história da guerra como a história das lutas *entre* Estados, em vez de uma característica da economia mundial capitalista e do sistema mundial. As guerras, segundo uma conceção informada pela análise dos sistemas mundiais, transformam o *sistema como um todo*.

Uma exceção à patologização da guerra pela sociologia — e uma contribuição inestimável para as abordagens sistémicas da guerra — surge na forma do tratamento dado por Arrighi à guerra e à sua relação com o capitalismo. Arrighi apresenta duas formulações ideais-típicas da «lógica do poder» moderna. Uma, a lógica territorialista do poder, toma «o controle sobre o território e a população [como] o objetivo, e o controle sobre o capital móvel como o meio, da criação do Estado e da guerra». A outra, a lógica capitalista do poder, inverte a relação meio-fim do modo territorialista, em que «o controle sobre o capital móvel é o objetivo e o controle sobre a população



e o território é o meio». Como tal, o territorialismo segue a fórmula TMT', enquanto o capitalismo segue a fórmula MTM' (ARRIGHI, 2010 [1994], p. 34-35). «Historicamente», continua ele, «as lógicas capitalista e territorialista do poder não operaram isoladamente uma da outra, mas em relação uma com a outra dentro de um determinado contexto espaço-temporal» (ARRIGHI, 2010 [1994], p. 34-35). O capitalismo, como sistema social histórico, emprega a lógica territorialista e/ou a lógica capitalista do poder, dependendo do momento e das necessidades do capital dentro de um ciclo sistêmico de acumulação. Nesta perspectiva, o que há de novo nas relações de guerra sob o capitalismo reside na transformação do seu papel como *meio* de garantir os  *fins* do controle sobre o território e/ou a população ou do controle sobre o capital móvel. Sob o capitalismo, tem havido uma tendência para que a guerra seja relativamente mais «orientada para a acumulação de capital do que para a incorporação de território e população» (ARRIGHI, 2010 [1994], p. 35). É claro que, seguindo a fórmula do MTM, a garantia do território durante a guerra é de importância central, *como meio* para uma acumulação cada vez maior (TM'). E, naturalmente, os belicistas precisam de capital (geralmente na forma de impostos, apropriações ou desenvolvimento da dívida pública) para financiar a mobilização dos meios de guerra (MT). A transformação da guerra de um meio principalmente para controlar território e população para um meio de acumulação moldou como e por que as guerras são travadas sob o capitalismo, como veremos.

É importante reconhecer, como veremos, que a relação com a guerra vai além do combate propriamente dito — as economias e as sociedades (e os ambientes) sentiram continuamente os seus impactos, muito antes e depois de a poeira da batalha ter assentado. Dada a frequência das guerras no mundo moderno, Priya Satia (2018) deixa isso claro: “Na verdade, houve tantas transições entre a paz e a guerra que é difícil estabelecer quais eram as condições económicas ‘normais’. [...] Dada a dificuldade de separar o impacto da guerra do impacto de eventos contemporâneos, podemos aceitar a guerra como uma continuidade — em vez de uma ‘perturbação estocástica’ — de outras transformações” (SATIA, 2018, p. 13-19).

A partir dessa perspectiva, de que a guerra estrutura as relações para além do campo de batalha — sendo ela própria a condição «normal» da modernidade —, somos compelidos, tal como Moore com a «ecologia», a reconhecer que a história do capitalismo é, ela própria, uma história de guerra. Esta revelação deve encorajar-nos a considerar o impacto que a militarização teve nas origens, no desenvolvimento e na trajetória futura do capitalismo como um sistema histórico mundial: ao abster-nos de tratar a guerra como uma «perturbação» de um estado «normal», a guerra passa a ser vista como uma relação central na construção do mundo moderno.



## Guerra, crise e estratégias reprodutivas do capital

O comunismo de salvamento, uma perspectiva que aponta para a necessidade de politizar as relações de produção face à crise climática, é, na sua essência, uma política de (re)produção. Rejeita a premissa de que, para sobreviver ao capitalismo, temos de nos acomodar e adaptar aos seus ritmos de vida e de obtenção de lucros. Devemos, antes, aprender a fazer, pensar, comer, mover-nos e, fundamentalmente, *viver* de forma diferente para transcender a pulsão de morte inerente à civilização capitalista (SALVAGE COLLECTIVE, 2021, p. 2-3). O próprio capital *vive* da pulsão de morte, como um vampiro, reproduzindo-se através da subordinação dos processos vitais à lei do valor. Compreender como o capital transforma a vida em morte e vice-versa é crucial para compreender os limites dessa subordinação.

Se, como Marx descreve, o imperialismo torna possível a acumulação original de riqueza a partir da qual a história do capitalismo se desenvolveu, ele também tem sido o modo preferido de (re)produção do capital (MARX, 1990 [1867], p. 915). A reconstrução de Moore da lei do valor sob o capitalismo histórico deixa isso claro. O capital quer manter os custos baixos e os lucros altos — daí a centralidade do trabalho não remunerado na prática mundial do capitalismo. O capital só existe em relação à teia da vida. Com o tempo, o capital 1.) sobrecapitaliza e sobreproduz capital e 2.) esgota as próprias bases de sua reprodução material, um processo que Moore chama de “declínio do excedente ecológico”, que leva a uma taxa de lucro decrescente e, portanto, a uma crise. Isso pode assumir muitas formas, como o declínio da fertilidade do solo, levando ao aumento dos custos dos alimentos e, conseqüentemente, ao aumento dos custos de reprodução da força de trabalho. Seguindo a noção de Arrighi (2010 [1994]) de que a crise leva à expansão geográfica, Moore continua: “o esgotamento de uma natureza histórica rapidamente leva à ‘descoberta’ de novas naturezas que proporcionam fontes qualitativamente novas e quantitativamente maiores de trabalho não remunerado” (MOORE, 2015, p. 62). O resultado é que o capital deve:

[...] produzir naturezas baratas. Ampliar a zona de apropriação. Em suma, fornecer trabalho, alimentos, energia e matérias-primas — os quatro baratos — mais rapidamente do que a massa acumulada de capital excedente derivada da exploração da força de trabalho. Por quê? Porque a taxa de exploração da força de trabalho (dentro do sistema mercantil) tende a esgotar as capacidades de criação de vida que entram na produção imediata de valor. (MOORE, 2015, p. 67).

O exercício do poder do capital torna a apropriação possível — as naturezas baratas devem «ser asseguradas através de procedimentos e processos extraeconômicos»

(MOORE, 2015, p. 67). Dois procedimentos e processos extraeconômicos de vital importância e intimamente ligados — o império e a guerra.

O capital depende do exercício do seu poder para manter a acumulação infinita e tornar essa subordinação possível. A guerra representa uma arma fundamental através da qual esse projeto de classe — a guerra de classes — tem sido travado. Moore insiste em ver o capitalismo como uma forma de organizar a natureza, de produzir «naturezas baratas», baratas tanto simbolicamente quanto materialmente, para serem apropriadas a um custo baixo ou nulo para o capital (MOORE, 2015, p. 73). A exploração no ponto de produção depende, portanto, de ondas de apropriação além do ponto de produção. As contribuições de ganhos inesperados sucessivos — a apropriação dos «quatro baratos» — alimentos, trabalho, energia e matérias-primas — garantem a maximização do lucro do capital. A garantia do excedente ecológico — onde o capital põe em movimento uma quantidade relativamente pequena de capital para se apropriar de uma quantidade relativamente grande de trabalho/energia — mantém a taxa de lucro diante da crise (MOORE, 2015, p. 95). Se a «flexibilidade inovadora» do capital se baseou na sua capacidade de garantir capital circulante barato, então a sobrevivência do capital dependeu da sua capacidade de garantir fronteiras de mercadorias, zonas geográficas de fontes relativamente não capitalizadas (leia-se: baratas) de excedentes ecológicos ainda não mercantilizados, mas dentro da zona de poder do capital. O capital precisa de se expandir geograficamente para continuar a funcionar (MOORE, 2000). Historicamente, a guerra tem sido um mecanismo central pelo qual o capital conquistou o mundo na sua busca pela apropriação de naturezas baratas. A guerra permite ao capital *evitar* crises — a produção da morte permitiu ao capital continuar a produzir-se a si próprio.

Mas o capital produz limites, limites criados por ele próprio. «O capitalismo», escreve o *Salvage Collective*, «tem os seus limites e as suas crises, mas, perversamente, parece *prosperar* com eles. Ao contrário dos sistemas de vida multiespécies que o alimentam, o único limite *terminal* ao aumento perpétuo do capital é, se impulsionado a partir de dentro, externo: ou a revolução ou a extinção; o comunismo ou a ruína comum das classes em conflito» (SALVAGE COLLECTIVE, 2021, p. 8.). Se a guerra tem sido um mecanismo através do qual o capital transcendeu crises — e, de facto, prosperou (!) — e se a guerra — especialmente na era nuclear — representa um mecanismo através do qual a ruína comum das classes em conflito pode ser realizada, então parece valer a pena perguntar se existe um limite para a capacidade da guerra de reorganizar as redes de vida em direção à acumulação infinita. Se o capital sobreviveu à guerra permanente, será que morrerá por ela?

O capitalismo, como forma de organizar a natureza, tem as suas origens no longo século XVI (1492-1648) (WALLERSTEIN, 2011c [1974]). Este foi um momento de profundas mudanças globais. Desde o seu início, o capital mobilizou a capacidade bélica dos Estados para reorganizar as redes de vida ao serviço da acumulação infinita. Três momentos interligados desta «riqueza total de muitas determinações» são de interesse para nós aqui (MARX, 1993 [1939], p. 101). Estes momentos marcam o início dos processos que caracterizam os problemas da civilização capitalista e as estratégias do capital para transcender esses problemas.

Primeiro, os capitalistas europeus garantem os seus primeiros grandes ganhos inesperados através de uma onda de invasões globais do mundo extraeuropeu, particularmente através das invasões colombianas, ao longo do longo século XVI. Marx, escrevendo sobre a relação entre as primeiras grandes ondas de acumulação primitiva/formação de classes e a génese do capitalismo industrial, escreve que «A descoberta de ouro e prata na América, a extirpação, escravização e sepultamento em minas da população indígena daquele continente, o início da conquista e pilhagem da Índia e a conversão da África em uma reserva para a caça comercial de peles negras são coisas que caracterizam o início da era da produção capitalista (MARX, 1990 [1867], p. 915)». A implantação pelos imperialistas espanhóis de processos interligados de pilhagem e produtividade, com o objetivo de roubar as riquezas em metais preciosos das Américas, estabeleceu um padrão pelo qual o capital poderia acumular-se através da apropriação. Não devemos esquecer que este foi um momento em que ocorreu uma «grande mortandade» no início da era moderna, em que cerca de 55 milhões dos cerca de 60 milhões de indígenas americanos foram sacrificados no altar da acumulação, através de uma combinação de doenças, guerras e exploração (KOCH *et al.*, 2019; JONES, 2016).

Ao mesmo tempo, um padrão de arrefecimento global que viria a ser conceituado como a *pequena idade do gelo* estava a cristalizar-se (GROVE, 1988; FAGAN, 2000). Em movimento desde o século XIV, o arrefecimento global intensificou-se na sequência do colapso demográfico que se seguiu às invasões colombianas, através do sequestro de carbono resultante da cessação maciça da agricultura, da redução do uso do fogo e do renascimento das florestas do novo mundo. Esta mudança deixaria um registro nos sedimentos da Terra — o Pico Orbis —, com o arrefecimento a durar até meados do século XIX (LEWIS; MASLIN, 2015). Este arrefecimento teria um impacto repetido nas colheitas a nível global, causando fome, colapso do Estado e agitação social, aumentando o preço dos alimentos e, consequentemente, da mão de obra (PARKER, 2013; LE ROY LADURIE; DEUX, 2008; TILLY, 1975; PATEL; MOORE, 2017). A sobrevivência do capital durante o início do período moderno dependia

da sua capacidade de reduzir continuamente este custo crucial face às alterações climáticas — a necessidade de manter os custos baixos em todo o sistema impulsionou o capital a procurar novas fontes de calorías — e exportou esta produção para locais como o Oeste americano, as Caraíbas e a Índia. Não é por acaso que estes locais representam geografias fundamentais dos impérios europeus.

Finalmente, o século XVI assistiu a uma transformação nas práticas bélicas dos Estados europeus, a chamada «revolução militar» (PARKER, 1996 [1988]). O aumento da eficácia da infantaria — possibilitado pela proliferação das armas de pólvora — tornaria as guerras maiores, mais mortíferas e mais caras. Os europeus, quando lutavam para expandir os seus impérios, passariam a lutar para conquistar e matar. Passariam a depender da riqueza dos primeiros capitalistas — assegurada através das invasões colombianas — para financiar a sua belicosidade e, assim, a dívida nacional, a transformação da riqueza pública em capital privado, constituiu-se numa alavanca primária da acumulação primitiva (TILLY, 1992 [1990]; MARX, 1990 [1867], p. 919). Aonde quer que fossem, os capitalistas dependiam da força dos seus Estados e exércitos para produzir e garantir as condições de acumulação (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992).

Mas a dependência do capital da guerra permanente para tornar a acumulação continuamente possível não se limitou ao início da era moderna. Ao longo de sua história, a guerra ajudou o capital a transcender crises. Estas crises do capitalismo tenderam para duas formas ao longo da sua história: o capital enfrentou crises de subprodução e de superprodução. Existe sempre o perigo, para o capital, de ambos os tipos de crises se desenvolverem, mas elas *tendem* a materializar-se de uma forma ou de outra ao longo do tempo histórico.

No início da era moderna, as crises *tendiam* a assumir a forma de crises de subprodução. Moore escreve que “a tendência dominante do capitalismo inicial não era a superprodução, mas a subprodução: o fluxo insuficiente de mão de obra, alimentos, energia e matérias-primas. O maior problema do capitalismo inicial centrava-se no fornecimento de insumos baratos às fábricas, e não na venda dos produtos fabricados nos centros industriais” (MOORE, 2015, p. 92). Historicamente, a instituição que tornou possível o fornecimento cada vez maior desses recursos baratos às fábricas foram os Estados. Parenti (2016, p. 167) escreve, sobre o Estado criador do ambiente, que:

O Estado moderno é fundamentalmente geográfico; é território [...] os valores de uso pré-existentes da natureza não humana são essenciais para a acumulação capitalista; e estes encontram-se na superfície da Terra. Quais são as instituições que, em última instância, controlam a superfície da Terra? Os Estados. É o Estado que fornece os valores de uso da natureza não humana ao capital. Mais especificamente, a territorialidade do Estado moderno entrega a

natureza não humana ao capital para acumulação, por meio de seus regimes de propriedade baseados no lugar, sua produção de infraestrutura e suas práticas científicas e intelectuais que tornam a natureza não humana legível e, portanto, acessível.

A esta lista de mecanismos pelos quais o Estado entrega naturezas baratas ao capital, devemos acrescentar que *os Estados fazem guerras*. Tente imaginar, por um momento, como os europeus poderiam ter financiado a Guerra dos Trinta Anos sem a riqueza em ouro das Américas, como a crise da década de 1740 ou a crise geral de 1873 teriam se desenrolado na Inglaterra se o Estado capitalista dos EUA não tivesse travado uma guerra com os indígenas americanos durante séculos pela conquista do Oeste americano. Os lucros agrícolas inesperados resultantes da conversão das pradarias em campos de monocultura — eles próprios apropriações do trabalho de construção do solo ao longo de milénios — teriam sido acessíveis ao capital sem a vitória dos imperialistas norte-americanos nas Guerras das Planícies, cristalizada através do projeto do Destino Manifesto e do genocídio da população indígena da América do Norte? Para sublinhar o ponto de que as crises de subprodução não se limitam ao início da era moderna, imagine se os nazis tivessem conseguido conquistar os campos petrolíferos do Cáucaso em 1940/1941 (TOOZE, 2006; TOPRANI, 2014, 2016).

A ideia de uma economia de guerra permanente foi articulada pela primeira vez pelos marxistas do século XX em relação ao problema das crises de superprodução. Aqui, a guerra e os gastos para se preparar para a guerra permitiram que o capital se valorizasse continuamente. Para Luxemburgo (2003 [1913]), a guerra funciona como um mecanismo através do qual os mercados para commodities produzidas industrialmente podem ser assegurados. Se as mercadorias não são vendidas, o capital não pode ser valorizado e a taxa de lucro cai. Ela destaca o problema: “Pois o capital pode, de fato, privar associações sociais alheias de seus meios de produção pela força, pode obrigar os trabalhadores a se submeterem à exploração capitalista, mas não pode forçá-los a comprar suas mercadorias ou a realizar sua mais-valia” (LUXEMBURG, 2003 [1913], P. 366). A sua abordagem da penetração do capital europeu na China no século XIX através das Guerras do Ópio mostra o contrário, que «a civilização europeia, ou seja, a troca de mercadorias com o capital europeu, teve o seu primeiro impacto na China com as Guerras do Ópio, quando esta foi obrigada a comprar a droga das plantações indianas para ganhar dinheiro para os capitalistas britânicos» (LUXEMBURG, 2003 [1913], P. 367).

Os capitalistas europeus podem não ter, no século XVI, inicialmente se proposto a conquistar o mundo, mas no século XIX, eles estavam muito perto de conseguir (PARKER, 1991). Escrevendo sobre o capitalismo monopolista e a quase conclusão

da conquista mundial pelo capital europeu, Lenin (1916) vê as guerras interimperialistas de divisão territorial no período de quase conquista do mundo inteiro como o único mecanismo disponível para que a (re)distribuição da riqueza e das colónias entre os impérios europeus possa ocorrer. Ele pergunta retoricamente: “que outro meio poderia haver, *sob o capitalismo*, para superar a disparidade entre o desenvolvimento das forças produtivas e a acumulação de capital, de um lado, e a divisão das colónias e esferas de influência do capital financeiro, de outro?” (LENIN, 1916, CAP. 7).

Para Baran e Sweezy (1966, p. 179-180), a guerra tem servido para definir o lugar das nações na «hierarquia das nações» sob o capitalismo desde o século XVII. Mas, para o capitalismo americano, especificamente, os gastos com a guerra, sob o pretexto ideológico da contenção do comunismo, criaram uma demanda por commodities militarizadas, mantendo lucrativo o capital monopolista. Em que, perguntam eles, «o governo poderia gastar o suficiente para impedir que o sistema afundasse no pântano da estagnação? Em armas, mais armas e ainda mais armas» (BARAN; SWEEZY, 1966, P. 213). O’CONNOR (1973) argumenta da mesma forma que os gastos com a guerra, juntamente com os gastos com o bem-estar social, tornam possível evitar os dois lados do problema da valorização: os gastos com a guerra resolvem o problema da superprodução e os gastos com o bem-estar social resolvem o problema do subconsumo.

O trabalho de Chase-Dunn (1988) sobre a relação entre a competição político-militar dentro do sistema interestatal e a apropriação da mais-valia é inestimável. Para Chase Dunn, argumentando contra abordagens que fazem uma distinção rígida entre o político e o económico e contra concepções do capitalismo como um modo de produção «pacífico», <sup>5</sup>, o modo de produção capitalista exibe uma lógica única na qual tanto o poder político-militar quanto a apropriação da mais-valia através da produção de mercadorias para venda no mercado mundial desempenham um papel integrado» (CHASE-DUNN, 1988, P. 131).

Aqui, a *distinção* entre poder político-militar e apropriação da mais-valia como *dois elementos* da sua lógica integrada é importante. A sensação que tenho aqui é que a lógica integrada não é tão integrada como se afirma.

Em *Global Formation Structures of the world-economy*, o argumento que postula uma conexão entre o exercício do poder político-militar e a acumulação gira em torno de uma discussão sobre a relação entre o sistema interestatal e o sistema capitalista mundial. Para Chase-Dunn, o sistema interestatal é uma expressão da força/fraqueza relativa dentro da divisão internacional do trabalho à la Wallerstein. Os

<sup>5</sup> Sobre conceituações do capitalismo como pacifista, ver Zolberg (1981), Skocpol (1977) e Schumpeter (1955[1919]).

Estados fortes dentro da divisão internacional do trabalho são capazes de usar o poder para explorar os Estados mais fracos (CHASE-DUNN, 1988, p. 111). O sistema interestatal aqui é histórico, na medida em que deve ser continuamente reproduzido ou transformado.

A conversão de um sistema capitalista mundial fraco num império mundial constituiria, para Chase-Dunn, a desintegração do sistema interestadual (CHASE-DUNN, 1988, p. 146). A guerra funciona para Chase-Dunn na medida em que reproduz o sistema interestadual, impedindo a formação de um império mundial e, assim, o fim de um sistema em que os Estados fortes poderiam explorar os mais fracos.

Se a ligação entre a guerra e a reprodução do sistema interestatal (como uma característica do sistema mundial capitalista) é clara, a relação entre a guerra e a reprodução direta do capital é menos desenvolvida. Ao contrastar o sistema mundial moderno com civilizações anteriores, ele escreve que “no sistema mundial moderno, a guerra é em grande parte um complemento das estratégias de comércio e investimento” (CHASE-DUNN, 1988, p. 108). Ele afirma que «hoje, a guerra é menos central (embora ainda importante) para o funcionamento do sistema mundial moderno», mas depois continua: «As guerras mundiais representam um retorno à competição militar e uma reestruturação da ordem política mundial que, até agora, permitiu a expansão da produção capitalista» (ambas as citações são de CHASE-DUNN, 1988, p. 156).

A minha opinião é que a guerra é bastante importante para o funcionamento do sistema mundial moderno. As guerras (mundiais) aqui não servem apenas para reestruturar a ordem *política* mundial, mas também para reestruturar a ecologia capitalista mundial como um todo. Chase-Dunn, com base no trabalho de Goldstein, argumenta que as guerras atingem o seu pico no início da recessão da produção numa onda K e que «o aumento da concorrência pelos mercados e pelas oportunidades de investimento deve-se à sobreprodução [...] e este tipo de concorrência leva à pressão para o uso do poder extraeconómico, ou seja, o poder do Estado, para proteger e/ou expandir as quotas de mercado e as oportunidades de investimento» (CHASE-DUNN, 1988, P. 164. Ver também GOLDSTEIN, 1988). Aqui, a perspectiva do início da era moderna ajuda-nos a compreender a centralidade do papel da guerra na reprodução do capital. A transformação do sistema mundial capitalista num império mundial não foi o único tipo de crise com que o capitalismo do início da era moderna teve de lidar. As crises de subprodução (um fluxo insuficiente de alimentos, mão de obra, energia e/ou matérias-primas para a produção) ameaçaram os processos de produção capitalista ao longo do período moderno inicial (MOORE, 2003). As guerras de conquista territorial contribuíram para levar essas crises às portas das fábricas,



precipitando uma reorganização das relações de apropriação do excedente e da ordem política para o efeito. O capital precisa de garantir mercados para se valorizar, mas também precisa de manter o processo de produção. Historicamente, a guerra tornou ambas as coisas possíveis.

Assim, a minha tese *em relação* a Chase-Dunn é que a guerra não é *menos* importante no funcionamento do capitalismo como modo de produção do que em formações anteriores, mas sim que o capitalismo emprega a guerra para se reproduzir de maneiras qualitativamente distintas.

Há muito que se reconhece uma ligação presumível entre as ondas de Kondratieff (ondas K) e as guerras. O próprio Kondratieff observou essa ligação, escrevendo: «As guerras [...] estão incluídas nos processos rítmicos dos grandes ciclos e parecem não ser forças iniciais deste desenvolvimento, mas sim a forma da sua manifestação. Mas, uma vez surgidas, elas certamente exercem, por sua vez, uma influência poderosa, às vezes perturbadora, sobre o ritmo e a direção da dinâmica económica» (KONDRA-TIEFF, 2002, p. 383). A ligação é levada a sério pelas potências mundiais, a ponto de, em 2005, o Workshop de Investigação Avançada da OTAN ter convocado uma conferência intitulada «Sobre a influência de eventos fortuitos e ondas socioeconómicas longas na nova arena da guerra assimétrica» e publicado um livro sobre os seus trabalhos intitulado *Kondratieff Waves, Warfare, and World Security* (DEVEZAS, 2006).

Modelski e Thompson (1996) argumentam que as estruturas e os processos económicos e políticos globais estão relacionados. Eles escrevem: “argumentamos que a ascensão e o declínio dos setores líderes na economia global (o processo de Kondratieff ou onda K) estão coordenados com a ascensão e o declínio das potências mundiais (o longo ciclo da política global) de tal forma que um ciclo longo (um período de ascensão) está associado a duas ondas K organizadas em torno de setores inovadores no comércio e na indústria mundiais” (MODELSKI; THOMPSON, 1996, p. 3).

A(s) relação(ões) exata(s) entre a guerra e as ondas K/ciclos longos continua(m) a ser um tema de debate. Modelski e Thompson delineiam um esquema de 14 abordagens diferentes para a relação entre a guerra e o crescimento económico (MODELSKI; THOMPSON, 1996, p. 16). As diferenças entre as abordagens, conforme descritas, prendem-se com a sequência cronológica das fases ascendentes (U), descendentes (D) e das guerras (W) na história económica.

Em geral, considero convincente o esquema de Modelski e Thompson descrito acima, no qual  $U \rightarrow W/D \rightarrow W$ , com uma ressalva. Penso que parte do problema centrado no estabelecimento de uma cronologia da relação entre altas, baixas e guerras é que elas são reducionistas do ponto de vista historiográfico. O que quero dizer com isto é que cada uma das 14 abordagens apresentadas por Modelski e Thompson

pressupõe que a cronologia das altas, baixas e guerras permanece constante ao longo do tempo, procurando um padrão generalizado que se encaixe em toda a história do capitalismo. Este ângulo de visão, argumento eu, demonstra uma apreciação limitada das mudanças globais e estruturais pelas quais o capitalismo passou ao longo do tempo. Será que a cronologia pode mudar à medida que o capitalismo muda ao longo do tempo? Na minha opinião, o lugar que as guerras ocupam historicamente nos ciclos longos parece depender dos tipos de crises que o capitalismo enfrenta em momentos historicamente específicos da sua trajetória de desenvolvimento. Em suma, como argumentarei, o ponto de viragem é a transição do capitalismo moderno inicial para o capitalismo moderno.

Em primeiro lugar, seguindo Modelski e Thompson (1996), Cox (1987), Arrighi (2010 [1994]) e Chase-Dunn (1988), defendo que a guerra é um mecanismo crucial através do qual o capitalismo transcende as crises de desenvolvimento. Essa tradição intervém contra o «pacifismo» da economia neoclássica, que vê as guerras como acidentais e/ou patológicas, e cuja posição é resumida de forma muito adequada por um economista liberal canônico, Norman Angell (1910), que argumentou quixotesicamente que a «Grande Ilusão» da modernidade é que a guerra é lucrativa.<sup>6</sup>

Em segundo lugar, Modelski e Thompson observam que a maior parte da literatura sobre guerra e ondas K tende a ser «geralmente restrita ao período desde a revolução industrial (MODELSKI; THOMPSON, 1996, p. 6)». Eles observam que «embora [...] alguns estudiosos, como Fernand Braudel, tenham defendido a aplicabilidade dessa concepção (sobre a relação *entre guerras e ondas K*) desde o século XVI, esses estudiosos não aprofundaram muito essa questão» (MODELSKI; THOMPSON, 1996, p. 6). Se a Segunda Revolução Industrial (~1830) deve ser considerada um ponto de viragem na relação entre guerras e ondas K, deve sê-lo na medida em que representa uma transição do capitalismo moderno inicial para o capitalismo moderno. Com essa transição, assistimos a uma mudança nas tendências de crise do desenvolvimento capitalista, passando de crises que tendem a assumir a forma de crises de subprodução para crises de sobreprodução.

Isto é importante por várias razões.

Em primeiro lugar, tanto no período moderno inicial como no moderno, a inova-

6 Considerado um texto fundamental para o movimento pacifista, Angell (1910, p. 18) escreve “Bem, o objetivo destas páginas é mostrar que essa ideia quase universal [de que a guerra é lucrativa para as nações] é um equívoco grosseiro e desesperadamente perigoso, que às vezes tem a natureza de uma ilusão de ótica [...] tão profundamente maliciosa que desvia uma parte imensa das energias da humanidade e as direciona de tal forma que, a menos que nos libertemos dessa superstição, a própria civilização estará ameaçada.” A questão aqui é que, obviamente, Angell não faz uma análise de classes, por isso não consegue ver que a guerra é realmente lucrativa, para a classe dominante.

ção tecnológica é considerada um mecanismo central através do qual as ondas K se desenvolvem. Modelski e Thompson escrevem: «As ondas K surgem do agrupamento de inovações básicas que desencadeiam revoluções tecnológicas que criam setores industriais líderes; as inovações básicas respondem a necessidades não satisfeitas e à procura do mercado e devem, portanto, ser consideradas como processos ativadores do crescimento que são, em parte, endógenos» (MODELSKI; THOMPSON, 1996, p. 5). No período moderno, a inovação tecnológica funciona da maneira descrita por Modelski e Thompson. A inovação tecnológica é revolucionária na medida em que amplia o acesso a mercados e oferece novas oportunidades de investimento para o capital — em suma, responde e ajuda a resolver crises de acumulação excessiva. Podemos pensar no desenvolvimento das ferrovias nos Estados Unidos ao longo da segunda metade do século XIX como um exemplo desse setor líder. No início, as redes ferroviárias foram desenvolvidas e subsidiadas pelo governo dos EUA em conjunto com empresas privadas para transportar tropas e suprimentos da União durante a Guerra Civil Americana (1861-1865) e, posteriormente, expandidas por um influxo de capital britânico durante a crise de 1873-1879. Os alimentos baratos, agora transportados para a costa leste a custos mais baixos, passaram a estar disponíveis para o mercado mundial, reduzindo os custos de produção no Reino Unido e ajudando a resolver a crise. Mas, no início da era moderna, as crises tendiam a assumir a forma de crises de subprodução. Também aqui as inovações na tecnologia militar ajudaram a moldar o crescimento, mas os tipos de tecnologias eram diferentes. Os mosquetes produzidos em massa e o desenvolvimento do manual de instruções militares contribuíram para o desenvolvimento de formas mais holísticas de controle do trabalho (Way, 2003), o desenvolvimento de mapas estratégicos (MUKERJI, 1984) e os navios de guerra, escravos e comércio (REDIKER, 2007) ajudaram a identificar e transportar mão de obra e matérias-primas. Essas tecnologias, ao garantir mão de obra e matérias-primas, funcionaram para contrariar as tendências de crises de subprodução. Tudo isto para dizer que diferentes tipos de tecnologias, desenvolvidas em diferentes momentos da história do capitalismo, funcionaram para resolver diferentes tipos de tendências de crise. É claro que se trata *de* generalizações, mas elas têm como objetivo capturar e descrever as tendências predominantes.

Em segundo lugar, a maior parte da literatura sobre as ondas K e os ciclos longos tende a ignorar os processos de formação do ambiente e da classe.<sup>7</sup> Isso provavelmente se deve ao fato de que tanto a literatura sobre as ondas K quanto sobre os ciclos longos se desenvolveram ao longo do século XX, quando a dinâmica da transição do

7 Sobre a ligação entre os ciclos sistêmicos de acumulação e a guerra a partir de uma abordagem de sistemas mundiais, que abstrai a formação de classes e a criação do ambiente, ver Schaffer (1989).

capital imperial e monopolista para um novo período de financeirização capturou a atenção dos economistas políticos. Mas o espectro da subprodução permanece para o capital.<sup>8</sup> Se as crises de subprodução exigem, por parte do capital, a mobilização de novas reservas de força de trabalho e matérias-primas, então a formação de classes e a criação de ambientes, como processos que produzem novos trabalhadores e novas ecologias a serem introduzidos nos processos de produção, continuam a ser relevantes após 1830. A guerra faz ambas as coisas. Ao pensar sobre o futuro do capitalismo em condições de uma renovada ameaça de subprodução, um conjunto crucial de questões a serem feitas envolve perguntar 1.) o capital será capaz de mobilizar forças de formação de classes e de criação de ambientes suficientes para restaurar a taxa de lucro? e 2.) que papel as guerras desempenharão no arranque desses processos?

Portanto, em relação à tipologia de abordagens da relação entre guerra e crescimento económico oferecida por Modelski e Thompson, sugiro um modelo no qual:

No início do período moderno, em resposta à subprodução, observamos  $U \rightarrow D \rightarrow W$

No período moderno, em resposta à superprodução, observamos  $U \rightarrow W / D \rightarrow W$ <sup>9</sup>

Neste esquema, no início do período moderno, o crescimento é seguido por um período de recessão, que as guerras ajudam a resolver, e o ciclo se repete. Por exemplo, as invasões colombianas (W) dão início a um período de crescimento (U) devido a um ganho inesperado.<sup>10</sup> Mas o influxo de metais preciosos após as conquistas levou a uma inflação rápida e intensa associada à revolução dos preços, que, combinada com uma relativa falta de acesso a matérias-primas e mão de obra proletária, significou que os custos de produção aumentaram, levando a uma recessão (D).<sup>11</sup> Novas guerras de conquista (W) trabalharam para mover as fronteiras das mercadorias, dando ao capital europeu novo acesso a reservas de mão de obra e matérias-primas, trabalhando para restaurar a taxa de lucro.

No período moderno, o crescimento económico (U) precipitou a necessidade de expandir os mercados, uma vez que a ameaça de uma crise de sobreprodução

8 Pense, por exemplo, no «pico do petróleo» ou na ideia de que o mundo pode estar a ficar sem petróleo barato. Este é um exemplo de como as alterações ambientais globais no século XXI reanimam a ameaça da subprodução. Ver Lawrence (2011). Esta tendência, que se expressa em todos os principais setores (alimentação, trabalho, energia, matérias-primas), é o que Moore (2015) chama de «tendência de queda do excedente ecológico».

9 Este é o modelo de Modelski e Thompson (1996), que argumenta que cada grande potência do ciclo longo apresenta duas ondas K.

10 A pirataria no Atlântico, em que marinheiros franceses, britânicos e holandeses atacavam navios de tesouro espanhóis e portugueses, ajudou a distribuir os lucros inesperados das invasões colombianas pela Europa Ocidental. Ver Lane (1998) e Thomson (1994).

11 Veja, sobre a ligação entre o influxo de metais preciosos do novo mundo, a inflação e a revolução dos preços no início da era moderna, Hamilton (1934).

significava que as mercadorias precisavam de ser vendidas em quantidades cada vez maiores para que o capital se valorizasse. No final do século XIX, praticamente todo o mundo tinha sido conquistado pelo capital europeu, pelo que a concorrência pelos mercados assumiu a forma de guerras interimperialistas de (re)divisão dos impérios (W).<sup>12</sup> Essas guerras de (re)divisão funcionariam apenas como soluções temporárias, e a recessão (D) se seguiria. Novas guerras (W) resolveriam temporariamente as crises, resultando no surgimento de um novo grande poder político e económico (U). A história da transição da hegemonia do Reino Unido para os Estados Unidos entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial funciona como um bom exemplo desse mecanismo.<sup>13</sup>

A síntese acima baseia-se em abordagens do sistema mundial para o estudo da relação entre guerra, crise e a história do capitalismo. A síntese aponta para a necessidade de estudos que abordem questões de interpretação da crise da conjuntura contemporânea para apreciar, ao mesmo tempo, a dinâmica das crises de subprodução e das crises de superprodução.

## **Guerra, acumulação e o fim da natureza barata**

Na conjuntura contemporânea, estamos a assistir, em tempo real, ao regresso das guerras interimperialistas de redivisão de Lenin. O regresso é mais claramente expresso através da Guerra na Ucrânia, uma guerra por procuração travada entre a Rússia e a OTAN pelo gás, os cereais e a geometria do império. Encontra expressões complementares na recente postura militarizada dos EUA e da China sobre o controle do Mar da China Meridional. As grandes potências parecem estar a apostar na capacidade da guerra para reiniciar um ciclo de acumulação em todo o sistema, para transcender novamente a crise e manter o capital vivo. O que há de diferente na conjuntura contemporânea?

A diferença reside, numa palavra, no fim da natureza barata.

Moore diagnostica os problemas interligados da aceleração das crises do capitalismo contemporâneo *como* a crise da vida planetária através do fim da natureza barata e, consequentemente, o fim da capacidade do capital de mobilizar uma estratégia de apropriação do excedente ecológico para se reproduzir continuamente. Ele escreve: «Com as fronteiras a fechar-se rapidamente, essa estratégia está a falhar num duplo sentido. Por um lado, novos fluxos de trabalho não remunerado estão a materializar-se lentamente, se é que estão. Por outro lado, a acumulação de resíduos e a toxifica-

12 Esta é a história clássica de Lenin (1916) e Luxemburg (2003 [1913]) sobre o imperialismo moderno.

13 Veja, sobre a transição, Arrighi (2010 [1994]) e Chase-Dunn *et al.* (2002).

ção ameaçam agora o trabalho não remunerado que *está* a ser feito: esta é a transição da mais-valia para o valor negativo» (MOORE, 2015, p. 305). Chegámos ao fim de uma tendência de longo prazo de queda do excedente ecológico e encontramos o capital numa situação de impasse. Por um lado, o capitalismo passou a cobrir toda a superfície do mundo e continua a fazê-lo: daí que o problema de garantir mercados para vender mercadorias e valorizar o capital — o problema da superprodução — não tenha desaparecido. Mas, por outro lado, o fim da natureza barata — sobre-determinado pelo enfraquecimento, por parte do capital, da capacidade das naturezas humana e extra-humana de se reproduzir num nível necessário para manter ondas de apropriação (O'CONNOR, 1998) — reanima, ao mesmo tempo, o espectro das crises de subprodução.

No início do período moderno, o capital *sempre* preferiu recorrer ao império, para empregar a capacidade bélica dos Estados para garantir e entregar naturezas baratas ao ponto de produção a um custo baixo ou nulo para o capital, resolvendo crises de subprodução. Estas eram crises de desenvolvimento. Este « o » só funcionava graças à existência de vastas reservas de naturezas que podiam ser barateadas. A guerra funcionou para «resolver — mas não abolir — o problema da subprodução» (MOORE, 2015, p. 92).

O fim da natureza barata pode muito bem marcar o fim da utilidade da guerra na resolução de crises de subprodução. Uma análise dos preços das commodities agrícolas após o início da guerra na Ucrânia (ela própria um celeiro histórico mundial) dá uma indicação precoce dos efeitos que a guerra terá no abastecimento de alimentos baratos na era do fim da natureza barata: o trigo, por exemplo, estava cotado no final de outubro de 2022 a US\$ 842 o bushel (BLOOMBERG, 2022). Lá se vai a comida barata! E as colheitas de 2021 e 2022 foram abundantes (GOOD, 2022). Imagine os impactos que as alterações climáticas terão na produção global de trigo no futuro. Coloque isso no contexto das guerras imperialistas de redivisão e o quadro é sombrio.

Assim, podemos esperar retornos cada vez menores do capital que se movimenta por meio de gastos com guerras para garantir reservas cada vez menores dos quatro baratos. Se o capital não puder mais fornecer alimentos baratos — um mediador crucial do preço da força de trabalho —, então o perigo de uma *crise histórica* se aproxima.

A guerra permanente tem sido, historicamente, um dos modos preferidos do capitalismo para se (re)produzir. No início da era moderna, o capital evitou crises de subprodução travando guerras para garantir novas reservas de natureza barata, o que só foi possível porque grande parte do mundo ainda não havia sido incorporada ao sistema capitalista mundial. Na era moderna, a guerra serviu para evitar crises de su-

perprodução, fornecendo novos mercados para as mercadorias e ajudando a valorizar o capital. Diagnosticar a crise da conjuntura contemporânea — o fim da natureza barata — exige que apreciemos ambas as dinâmicas de crise ao mesmo tempo.

A ameaça de uma guerra capitalogênica que termine na “ruína comum das classes em conflito” é real. A menos que ocorra um Armagedom, podemos paradoxalmente encontrar esperança ao apreciar o papel que a guerra desempenhou ao longo da história do capitalismo — que o capitalismo pode realmente cavar a sua própria cova com as mesmas ferramentas do seu sucesso. A guerra pode muito bem ser a ruína do capital, e o caos sistêmico (ARRIGHI; SILVER, 1999) desencadeado pelas guerras do declínio do capitalismo pode proporcionar uma abertura para articular novos padrões e práticas de criação de vida — que transcendam a pulsão de morte que caracteriza a história do capital como uma história de guerra permanente.

## Referências

- ALLIEZ, Éric; LAZZARATO, Maurizio. *Wars & Capital*. South Pasadena, CA: Semiotext(e), 2016.
- ANGELL, Norman. *The great illusion: A Study of the relation of military power to national advantage*. London, UK: G.P. Putnam's Sons, 1910.
- ANTONACCI, John Peter. Periodizing the capitalocene as polemocene: Militarized ecologies of accumulation in the long sixteenth century. *Journal of World-Systems Research*, v. 27, n. 2, p. 439-467, 2021. Available at: <https://doi.org/10.5195/jwsr.2021.1045>. Accessed: July 26, 2025.
- ARRIGHI, Giovanni. *The long twentieth century: Money, power, and the origins of our times*. London, UK: Verso, 2010 [1994].
- ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly. *Chaos and governance in the modern world-system*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1999.
- BARAN, Paul A.; SWEEZY, Paul. *Monopoly capitalism: An essay on the American economic and social order*. New York, NY: Monthly Review Press, 1966.
- BLACK, Jeremy. *A Military revolution? Military change and European society, 1550-1800*. London, UK: MacMillan Press, 1991.
- BLOOMBERG. *Wheat Quote*. 2022. Available at: <https://www.bloomberg.com/quote/W%201:COM?leadSource=uverify%20wall>. Accessed: July 26, 2025.
- BONNEUIL, Christophe; FRESSOZ, Jean-Baptiste. *The shock of the anthropocene*. London, UK: Verso, 2016.
- CARR, Edward H. Society and the Individual. In: CARR, Edward H. *What is History?* Cambridge, UK: University of Cambridge Press, 1961. p. 36-69.
- CHASE-DUNN, Christopher. *Global formation: Structures of the world-economy*. Oxford, UK: Roman & Littlefield, 1988.
- CHASE-DUNN, Christopher et al. *The trajectory of the United States in the World-System: A quantitative reflection*. UC Riverside: The Institute for Research on World-Systems, 2002. Available at: <https://escholarship.org/uc/item/77b447bx>. Accessed: July 26, 2025.
- COX, Robert W. *Production, power, and world order: Social forces in the making of history*. New York, NY: Columbia University Press, 1987.
- DEVEZAS, Tesselano C. (Ed.). *Kondratieff waves, warfare, and world security*. Amsterdam, NL: IOS Press in Cooperation with NATO Public Diplomacy Division, 2006.
- FAGAN, Brian. *The little Ice Age: How climate made history, 1300-1850*. New York, NY: Basic Books, 2000.



FRANK, Andre Gunder. *ReORIENT: Global economy in the Asian Age*. Berkeley, CA: University of California Press, 1998.

FUKUYAMA, Francis. *The end of History and the last man*. New York, NY: Free Press, 1992.

GOLDSTEIN, Joshua S. *Long cycles: Prosperity and war in the Modern Age*. New Haven, CT: Yale University Press, 1988.

GOOD, Keith. Russia wheat harvest could reach record, but exports stymied- as Ukraine begins corn harvest. *Farm Policy News*, 2022. Available at: <https://farmpolicynews.illinois.edu/2022/09/russia-wheat-harvest-could-reach-record-but-exports-stymied-as-ukraine-begins-corn-harvest/>. Accessed: June 23, 2023.

GROVE, Jean M. *The little Ice Age*. New York, NY: Routledge, 1988.

HAMILTON, Earl J. *American treasure and the Price Revolution in Spain, 1501-1660*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1934.

JONES, David S. Death, Uncertainty, and Rhetoric. In: CAMERON, Catherine M.; KELTON, Paul; SWEDLUND, Alan C. (Eds.). *Beyond germs: Native depopulation in North America*. Tuscon, AZ: University of Arizona Press, 2016. p. 16-49.

KOCH, Alexander *et al.* Earth-systems impacts of the European arrival and the Great Dying in the Americas after 1492. *Quaternary Science Reviews*, v. 207, p. 13-36, 2019. Available at: <https://doi.org/10.1016/j.quascirev.2018.12.004>. Accessed: June 23, 2023.

KONDRATIEFF, Nicolay D. *Big cycles of conjuncture and the Theory of Prediction*. Moscow, RU: Economica, 2002.

LANE, Kris. *Pillaging the Empire: Piracy in the Americas, 1500-1750*. Armonk, NY: M.E. Sharpe, 1998.

LAWRENCE, Kirk S. *Energy and the evolution of World-Systems: Fueling power and Environmental Degradation, 1800-2008*. 2011. Thesis (PhD in Sociology) – University of California, Riverside, 2011.

LE ROY LADURIE, Emmanuel; DEUX, Valerie. The climate in Burgundy and Elsewhere, from the Fourteenth to the Twentieth Century. *Interdisciplinary Science Reviews*. v. 33, n. 1, p. 10-24, 2008. Available at: <https://doi.org/10.1179/030801808X260>. Accessed: June 23, 2023.

LEE, Richard E.; WALLERSTEIN, Immanuel. *Overcoming the two cultures: Science versus the humanities in the modern world-system*. New York, NY: Routledge, 2004.

LENIN, Vladimir Ilyich. Imperialism as a special stage of capitalism. In: LENIN, Vladimir Ilyich. *Imperialism, the highest stage of capitalism*. Marxist Internet Archive, 1916. Available at: <https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1916/imp-hsc/>. Accessed: July 26, 2025.

LEWIS, Simon L.; MASLIN, Mark A. Defining the Anthropocene. *Nature*, v. 519, p. 171-180, 2015. Available at: <https://doi.org/10.1038/nature14258>. Accessed: June 23, 2023.

LUXEMBURG, Rosa. *The accumulation of capital*. London, UK: Routledge, 2003 [1913].

MANN, Michael. *States, war, and capitalism*. Oxford, UK: Basil Blackwell, 1988.

MARX, Karl. *The Grundrisse*. New York, NY: Penguin, 1993 [1939].

MARX, Karl. *Capital*. New York, NY: Penguin, 1990 [1867]. Vol. I.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *The German ideology*. Amherst, NY: Prometheus Books, 1998 [1932].

MODELSKI, George; THOMPSON, William R. *Leading sectors and world powers: The coevolution of global politics and economics*. Columbia, SC: University of South Carolina Press, 1996.

MOORE, Jason W. Imperialism, with and without cheap natures: Climate crises and the demise of Westphalia. *Das Argument*, v. 340, p. 39-61, 2023. Available at: <https://jasonwmoore.com/wp-content/uploads/2023/04/Moore-Imperialism-With-and-Without-Cheap-Nature-Circulating-March-2023.pdf>. Accessed: July 27, 2025.

MOORE, Jason W. Power, profit, and Prometheanism, Part I: Method, ideology, and the violence of the civilizing project. *Journal of World-Systems Research*, v. 28, n. 2, p. 415-426, 2022. Available at: <https://doi.org/10.5195/jwsr.2022.1140>. Accessed: July 27, 2025.

MOORE, Jason W. *Capitalism in the Web of Life: Ecology and the accumulation of capital*. London, UK: Verso, 2015.

Moore, 2011

MOORE, Jason W. The modern world-system as environmental history: Ecology and the rise of capitalism. *Theory & Society*, v. 32, p. 307-377, 2003. Available at: <https://www.jstor.org/stable/3108538>. Accessed: July 27, 2025.

MOORE, Jason W. Sugar and the expansion of the early modern world-economy: Commodity frontiers, ecological transformation, and industrialization. *Review (Fernand Braudel Center)*, v. 23, n. 3, 409-433, 2000. Available at: <https://www.jstor.org/stable/40241510>. Accessed: July 27, 2025.

MUKERJI, Chandra. Visual language in science and the exercise of power: The case of cartography in early modern Europe. *Studies in Visual Communication*, v. 10, n. 3, p. 30-45, 1984. Available at: <https://doi.org/10.1111/j.2326-8492.1984.tb00107.x>. Accessed: May 17, 2020.

O'CONNOR, James. The second contradiction of capitalism, with an addendum on the two contradictions of capitalism. In: O'CONNOR, James. *Natural Causes: Essays on Ecological Marxism*. New York, NY: Guilford Press, 1998. p. 158-177.

O'CONNOR, James. *The fiscal crisis of the State*. New York, NY: Routledge, 1973.

PARENTI, Christian. Environment-making in the Capitalocene: Political ecology of the State. In: MOORE, Jason W. (Ed.) *Anthropocene or Capitalocene? Nature, history, and the crisis of capitalism*. Oakland, CA: PM Press, 2016. p. 166-184.

PARKER, Geoffrey. *Global crisis: War, climate change, and catastrophe in the seventeenth century*. New Haven, CT: Yale University Press, 2017.

PARKER, Geoffrey. *Global crisis: War, climate change, and catastrophe in the seventeenth century*. New Haven, CT: Yale University Press, 2013.

PARKER, Geoffrey. *The Military Revolution: Military innovation and the rise of the west, 1500-1800*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996 [1988].

PARKER, Geoffrey. Europe and the wider world, 1500-1700: The military balance. In: TRACY, James D (Ed.). *The political economy of merchant empires: State power & world trade, 1350-1750*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1991. p. 161-195.

PARKER, Geoffrey. The 'Military Revolution' 1560-1660 – A myth? *The Journal of Modern History*, v. 48, n. 2, p. 196-214, 1976. Available at: <https://doi.org/10.1086/241429>. Accessed: May 17, 2020.

PATEL, Raj; MOORE, Jason W. *A history of the world in seven cheap things: A guide to capitalism, nature, and the future of the planet*. Berkeley, CA: University of California Press, 2017.

QUIJANO, Anibal; WALLERSTEIN, Immanuel. Americanity as a concept, or the Americas in the Modern World-System. *International Journal of Social Sciences*, v. 143, p. 549-557, 1992. Available at: <https://euromphilomem.hypotheses.org/files/2018/07/Quijano-and-Wallerstein-Americanity-as-a-Concept.pdf>. Accessed: July 27, 2025.

REDIKER, Marcus. *The slave ship: A human history*. New York, NY: Viking, 2007.

ROBERTS, Michael. The Military Revolution, 1560-1660. In: ROGERS, Clifford (Ed.). *The Military Revolution debate: Readings on the transformation of early modern Europe*. Boulder, CO: Westview Press, 1995 [1956]. p. 13-36

SALVAGE COLLECTIVE. *The tragedy of the worker: Towards the Proletarocene*. London, UK: Verso, 2021.

SANGHA, Laura; WILLIS, Jonathan. *Understanding early-modern primary sources: Routledge guides to using historical sources*. New York, NY: Routledge, 2016.

SATIA, Priya. *Empire of guns: The violent making of the Industrial Revolution*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2018.

SCHAFFER, Robert K. (Ed.). *War in the World-System*. Westport, CT: Greenwood Press, 1989.

SCHUMPETER, Joseph. The sociology of imperialism. In: SCHUMPETER, Joseph. *Imperialism and social classes*. New York, NY: Meridian Books, 1955 [1919]. p. 3-100.

SHAIKH, Anwar. the falling rate of profit as the cause of long waves: Theory and empirical evidence. In: KLEINKNECHT, Alfred; MANDEL, Ernst; WALLERSTEIN, Immanuel (Eds.). *New findings in long wave research*. London, UK: MacMillan Press, 1992. p. 174-202.

SILVER, Beverly J.; PAYNE, Corey R. Crises of world hegemony and the speeding up of social history.

In: DUTKIEWICZ, Piotr, CASIER, Tom, & SCHOLTE, Jan Art (Eds.). *Hegemony and world order: Reimagining power in global politics*. New York, NY: Routledge, 2020. p. 17-31.

SKOCPOL, Theda. Wallerstein's world capitalist system: A theoretical and historical critique. *American Journal of Sociology*, v. 82, n. 5, p. 1075-1090, 1977. Available at: <https://doi.org/10.1086/226431>. Accessed: July 27, 2025.

SNOW, Charles P. *The two cultures*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1998 [1959].

THOMSON, Janice E. *Mercenaries, pirates, and sovereigns: State-building and extraterritorial violence in early modern Europe*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

TILLY, Charles. *Coercion, capital, and European States, AD 990- 1992*. Oxford, UK: Basil Blackwell, 1992 [1990].

TILLY, Charles. Food supply & public order in modern Europe. In: TILLY, Charles (Ed.). *The building of States in Western Europe*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1975. p. 380-455.

TOOZE, Adam. *The wages of destruction: The making and breaking of the Nazi economy*. New York, NY: Penguin, 2006.

TOPRANI, Anand. The first war for oil: The Caucasus, German strategy, and the turning point of the war on the Eastern Front, 1942. *Journal of Military History*, v. 80, n. 3, p. 815-854, 2016.

TOPRANI, Anand. Germany's answer to standard oil: The continental oil company and Nazi Grand Strategy, 1940-1942. *Journal of Strategic Studies*, v. 37, n. 6-7, p. 949-973, 2014. Available at: <http://dx.doi.org/10.1080/01402390.2014.933317>. Accessed: July 27, 2025.

WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalist civilization. In: WALLERSTEIN, Immanuel. *Historical capitalism*. London, UK: Verso, 2011a [1983]. p. 113-163.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Historical capitalism*. London, UK: Verso, 2011b [1983].

WALLERSTEIN, Immanuel. *The modern world-system*. Berkeley, CA: University of California Press, 2011c [1974]. Volume I: Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century.

WALLERSTEIN, Immanuel. The rise and future demise of the world capitalist system: Concepts for comparative analysis. In: WALLERSTEIN, Immanuel (Ed.). *The essential Wallerstein*. New York, NY: The New Press, 2000 [1974]. p. 71-105.

WAY, Peter. Class & the common soldier in the Seven Years' War. *Labor History*, v. 44, n. 4, p. 455-481, 2003. <https://doi-org./10.1080/0023656032000170078>.

ZOLBERG, Aristide R. Origins of the modern world-system: A missing link. *World Politics*, v. 33, n. 2, p. 253-281, 1981. Available at: <https://www.cambridge.org/core/journals/world-politics/article/abs/origins-of-the-modern-world-system-a-missing-link/29E84E104C57757C047EC04CC58B9A70>. Accessed: July 26, 2025.